

BOLETIM PAROQUIAL

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE TIRES



www.paroquiadetires.org

Ano III - N.º 27
14 de julho de 2019

DOMINGO XV - TEMPO COMUM

EVANGELHO Lc 10, 25-37

«Quem é o meu próximo?»

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo São Lucas

Naquele tempo, levantou-se um doutor da lei e perguntou a Jesus para O experimentar: «Mestre, que hei-de fazer para receber como herança a vida eterna?». Jesus disse-lhe: «Que está escrito na Lei? Como lês tu?». Ele respondeu: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento; e ao próximo como a ti mesmo». Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem. Faz isso e viverás». Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: «E quem é o meu próximo?». Jesus, tomando a palavra, disse: «Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores. Roubaram-lhe tudo o que levava, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o meio-morto. Por coincidência, descia pelo mesmo caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Do mesmo modo, um levita que vinha por aquele lugar, viu-o e passou também adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, passou junto dele e, ao vê-lo, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas deitando azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirou duas moedas, deu-as ao estalajadeiro e disse: 'Trata bem dele; e o que gastares a mais eu to pagarei quando voltar'. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?». O doutor da lei respondeu: «O que teve compaixão dele». Disse-lhe Jesus: Então vai e faz o mesmo».

Palavra da salvação.

MEDITAÇÃO

A ALEGRIA DE ENCONTRAR O MEU PRÓXIMO

Neste domingo, cheio de alegria e paz prosseguimos com o capítulo décimo do Evangelho segundo São Lucas e hoje através da figura do Bom Samaritano, Jesus convida os seus discípulos a penetrar o perfil ideal do discípulo. Ele lança o apelo a toda humanidade sobre a necessidade de viver a caridade e a responsabilidade cristã perante os nossos próximos.



O Evangelho inicia com a pergunta feita pelo doutor da Lei "Mestre, que hei de fazer para possuir a vida eterna?" (Lc 10, 25) e depois de várias respostas dadas, volta a terminar com um convite "Então Vai e faz o mesmo".

Para definir quem é o nosso próximo, Jesus ultrapassa a dimensão sanguínea para descrever o próximo como aquele que sofre e precisa de alguma atenção particular. Também como aquele que sente compaixão ao outro. Portanto, diante destas definições dadas por Jesus, podemos encontrar os nossos próximos nas pessoas marginalizadas, imigrantes, sem-abrigos e, sobretudo, nas pessoas que vivem numa solidão profunda tanto física como espiritual. Além disso todos os que estão dispostos a ajudar os outros a saírem das precariedades da vida são também próximos.

Através desta parábola compreendermos que ser cristão é ser misericordioso para com os nossos irmãos, especialmente, os que sofre. Portanto, podemos afirmar que o essencial, segundo o Evangelho, é a misericórdia. Deus enviou o Seu Filho, Deus se fez homem para nos salvar, ou seja, para nos dar a Sua misericórdia. Jesus diz isto claramente, resumindo o seu ensinamento aos discípulos: "Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso" (Lc 6, 36). O cristão deve ser necessariamente misericordioso, porque este é o centro do Evangelho. A partir da fé cristã podemos dizer que a misericórdia é a única ação verdadeiramente humana diante do sofrimento alheio que, uma vez interiorizada, se transforma em princípio de atuação e de ajuda solidária para quem sofre. Devemos procurar como cristãos estar do lado de quem sofre e sermos compassivos com eles, acolhê-los e participar nas suas dores e angústias. Jesus espera de nós uma solicitude concreta, como a do bom samaritano, por quem está ferido no corpo e no espírito, por quem pede ajuda, ainda que desconhecido e sem recursos.

PISTA DE REFLEXÃO SEMANAL

Qual é a minha atitude para com os doentes na nossa Comunidade e Sociedade?

Desejo-vos uma boa semana.

Pe. Andrew Prince

AGENDA PAROQUIAL

1. O Cartório Paroquial estará encerrado na próxima semana (14 a 19 de julho), devido à peregrinação do Pároco. Para qualquer assunto urgente é favor contactá-lo através do seu correio eletrónico: asubontengkwadwo@gmail.com

2. No próximo dia 23 de julho, às 21h15, realiza-se a reunião do Conselho Pastoral no Salão Paroquial.

TEMOS SANTO!

CANONIZAÇÃO

FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

O Papa Francisco decidiu canonizar o frade e beato português Bartolomeu dos Mártires. A cerimónia da canonização decorrerá a 10 de novembro. Bartolomeu dos Mártires (nascido Bartolomeu Fernandes) nasceu em Lisboa a 03 de maio de 1514 e faleceu em Viana do Castelo a 16 de julho de 1590. Pertenceu à Ordem dos Pregadores e foi arcebispo de Braga entre 1559 e 1582, tendo tido uma participação importante no Concílio de Trento, como um elemento destacado da ala renovadora da Igreja de então.

Bartolomeu dos Mártires foi declarado venerável em 23 de março de 1845, pelo papa Gregório XVI, e beato, em 04 de Novembro de 2001, pelo papa João Paulo II.

O Pai-nosso por Frei Bartolomeu dos Mártires

Pai. Por natureza e graça, nos comunicastes o ser, os sentidos e os movimentos naturais, bem como a essência da graça, isto é, o seu movimento, que nos faz viver.

Nosso. Porque, com a concessão liberal da vossa bondade, gerais em cada dia muitos filhos segundo o ser espiritual da graça e do amor.

Que estais nos céus. Quer dizer, que habitais admiravelmente naqueles que são chamados a viver no Céu, isto é, que estão firmes no vosso amor, sempre movidos pela assiduidade dos desejos sublimes, como se estivessem ornados de estrelas, o mesmo é dizer, de virtudes.

Santificado seja o Vosso nome. Realize-se em mim, sem nada de terreno, o vosso nome, com a purificação de todos os afetos mundanos.

Venha a nós o Vosso reino. Reina inteiramente e sempre em mim, não só para que não haja nenhum movimento ou ato contra os vossos preceitos, mas para que todas as minhas ações sejam feitas com a aprovação da vossa providência. São Bernardo, no comentário septuagésimo terceiro ao Cântico dos Cânticos, expõe esta matéria do segundo advento, dizendo: «Oh se acabasse já este mundo e se manifestasse o vosso reino! Isto é o que ardentemente deseja a esposa, ou seja, a Igreja».

Seja feita a Vossa vontade. Nos homens da terra como nos habitantes do Céu, isto é, nos firmes, nos que sempre estão em crescimento, ornados de estrelas, como acima dissemos.

O pão nosso de cada dia. Ó Pai, se não mandardes, lá do alto, o pão do fervor e da consolação espiritual, todos os dias e a todas as horas, depressa desfaleceremos e iremos procurar pão vilíssimo de consolações exteriores. Enviai-nos, Pai benigníssimo, as migalhas daquela mesa opulentíssima, pois se com elas (quer dizer, com os atos de amor unitivo) não for alimentado todos os dias, perderei por certo, o vigor da fortaleza.

Perdoai-nos as nossas dívidas. Perdoai o castigo devido até pelos mais leves pecados. Detesto-os, odeio-os, porque fazem obscurecer o raio da vossa luz e tornam túbio o fervor do meu amor.

Não nos deixeis cair em tentação. Quanto mais Vos amo, benigníssimo Senhor, mais temo separar-me de Vós, considerando a fragilidade da minha carne e a astúcia das

investidas do inimigo. Não permitais, que alguma vez eu ceda às suas carícias ou ciladas, mas livrai-me das muitas inclinações para o mal, bem como das penas do Purgatório, na medida em que podem adiar a vossa dulcíssima visão.

Fonte: Vaticano; Secretariado Nacional de Liturgia

VAMOS PARA A CATEQUESE

O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO

«O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os batizados foi elevado por Cristo Senhor à dignidade de sacramento».

I. O matrimónio no desígnio de Deus

A Sagrada Escritura começa pela criação do homem e da mulher, à imagem e semelhança de Deus, e termina com a visão das «núpcias do Cordeiro» (Ap 19, 9). Do princípio ao fim, a Escritura fala do matrimónio e do seu «mistério», da sua instituição e do sentido que Deus lhe deu, da sua origem e da sua finalidade, das suas diversas realizações ao longo da história da salvação, das suas dificuldades nascidas do pecado e da sua renovação «no Senhor» (1 Cor 7, 39), na Nova Aliança de Cristo e da Igreja.

O MATRIMÓNIO NA ORDEM DA CRIAÇÃO

«A íntima comunidade da vida e do amor conjugal foi fundada pelo Criador e dotada de leis próprias [...]. O próprio Deus é o autor do matrimónio». A vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador. O matrimónio não é uma instituição puramente humana, apesar das numerosas variações a que esteve sujeito no decorrer dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Tais diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. Muito embora a dignidade desta instituição nem sempre e nem por toda a parte transpareça com a mesma clareza, existe, no entanto, em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial. Porque «a saúde da pessoa e da sociedade está estreitamente ligada a uma situação feliz da comunidade conjugal e familiar». Deus, que criou o homem por amor, também o chamou ao amor, vocação fundamental e inata de todo o ser humano. Porque o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus que é amor (1 Jo 4, 8.16). Tendo-os Deus criado homem e mulher, o amor mútuo dos dois torna-se imagem do amor absoluto e indefetível com que Deus ama o homem. É bom, muito bom, aos olhos do Criador. E este amor, que Deus abençoa, está destinado a ser fecundo e a realizar-se na obra comum do cuidado da criação: «Deus abençoou-os e disse-lhes: "Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a"» (Gn 1, 28). Que o homem e a mulher tenham sido criados um para o outro, afirma-o a Sagrada Escritura: «Não é bom que o homem esteja só» (Gn 2, 18). A mulher, «carne da sua carne», isto é, sua igual, a criatura mais parecida com ele, é-lhe dada por Deus como uma «auxiliar», representando assim aquele «Deus que é o nosso auxílio». «Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher: e os dois serão uma só carne» (Gn 2, 24). Que isto significa uma unidade indefetível das duas vidas, o próprio Senhor o mostra, ao lembrar qual foi, «no princípio», o desígnio do Criador: «Portanto, já não são dois, mas uma só carne» (Mt 19, 6).

Catecismo da Igreja Católica, nos 1601-1605